mede a leitura na educação básica) entre 72 países que fizeram parte da pesquisa.

Dados como esse justificam porque a maioria dos brasileiros têm baixa capacidade em discutir assuntos complexos, tem dificuldade na compreensão e interpretação e produção de textos além de vocabulário deficitário.

Temos a missão de reverter esse quadro, transformar as pessoas e toda uma sociedade através da leitura, a missão é árdua, mas somos muitos compreendem a relevância dessa missão, no entanto, para que uma missão seja cumprida, precisamos sair do campos das ideias e colocar em prática as ações necessárias à transformação necessária para que objetivos sejam cumpridos, os educadores de modo geral, de professores à equipe gestora, precisam manifestar as dificuldades que enfrentam no espaço escolar, e fazer com que as reclamações transcendam os muros escolares e cheguem ao campo político, é preciso mobilizar a sociedade nessa luta, as mudanças precisam acontecer de dentro para fora das estruturas escolares e de cima para baixo no campo político.

Dados do INEP (Instituto de estudos e pesquisas) dão conta de que 55% das escolas não têm biblioteca ou sala de leitura, a Comissão de Educação e discute o processo de implantação da Lei 12.244/10, que determina que até maio de 2020 todas as escolas brasileiras – públicas e privadas – tenham bibliotecas escolares. O número de livros da biblioteca deverá ser de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, sem dúvida a implantação dessa lei é extremamente importante para a educação, no entanto, para favorece que a universalização da biblioteca aconteça em todas as escolas, é previsto que escolas com até 150 alunos, os livros sejam acomodados em sala de aula aos cuidados dos professores, cabe a cada um dos educadores o papel de fiscalizar, denunciar o descumprimento da lei, de forma que se faça cumprir a legislação, devemos estar sempre atentos aos nossos deveres como professores mas que nosso papel como cidadãos motive e inspire nossos alunos e as pessoas à nossa volta.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/education/educational-governance/teachereducation-and-training/#

https://www.youtube.com/watch?v=mVomI_B7jk8

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/05/actualidad/1496619620_234571.html

https://www.youtube.com/watch?v=UjCzCqSMhCQ]

https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU

https://www2.arvoredelivros.com.br/institucional/como-funciona

https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-dasescolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/


# SMALL TALK: PROPOSTA PARA DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS


Adriana Ventura de Souza

Professora de Língua Inglesa da Rede Municipal e Estadual de Educação de São Paulo



**RESUMO**

Essa sequência didática foi elaborada e inicialmente trabalhada em 2018 para os alunos do 6° ano do ensino fundamental da EMEF Padre Chico Falconi. Localizada na Vila Curuça, uma comunidade da zona leste de São Paulo. A escola funciona com salas ambientes e colaborou bastante na questão organizacional dessa prática. Em contrapartida, os alunos estavam pouco motivados com o aprendizado da Língua Inglesa e essa baixa estima em relação a falar uma língua estrangeira era uma barreira para o trabalho cujo foco principal fosse a oralidade. Muitas vezes, por não terem noção de uso e considerarem totalmente fora da sua realidade social.


Pensar em uma metodologia para alunos que estão envoltos em diversos problemas sociais que ultrapassam a sala de aula, possuem uma defasagem considerável em outras disciplinas importantes como Português, por exemplo, e uma perspectiva muito baixa para ensino de uma segunda língua foi um desafio. O trabalho deveria ir de encontro com a realidade deles e ao mesmo tempo ser inovador e eficiente. Considerando para isso o uso das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) ao ensino de Linguagens com intuito de potencializar as práticas de ensino. Desta for-

ma, foram utilizados recursos como aparelho de som, data show, TV, notebook e internet quando possível. A base para a sequência didática eram trechos curtos de filmes infantis com conversas entre personagens que possibilitasse ampliar o trabalho em sala de aula e adaptá-los aos objetivos de acordo com o currículo e necessidade de cada turma.

O propósito principal do trabalho foi valorizar a prática da oralidade em Língua Inglesa e a partir da internalização de expressões, frases e palavras, os alunos pudessem ressignificar os conhecimentos em outros contextos reais de comunicação em contraste com a própria língua materna. Foi considerada nessa metodologia de trabalho, a teoria de KRASHER, 1987 em que a exposição ao idioma de maneira natural e constante é significativa na aquisição de uma nova linguagem.

"The first way is language acquisition, a process similar, if not identical, to the way children develop ability in their first language. Language acquisition is a subconscious process; language acquirers are notusually aware of the fact that they are acquiring language, but are onlyaware of the fact that they are using the language for communication.The result of language acquisition, acquired competence, is also subconscious. We are generally not consciously aware of the rules of thelanguages we have acquired. Instead, we have a "feel" for correctness. Grammatical sentences "sound" right, or "feel" right, and errors feelwrong, even if we do not consciously know what rule was violated.". (KRASHER, 1987, p. 10,). [1]

Notas de rodapé: [1] "A primeira maneira é a aquisição da linguagem, um processo semelhante, se não idêntico, ao modo como as crianças desenvolvem habilidades em sua primeira língua. A aquisição de idiomas é um processo subconsciente; os adquirentes de idiomas não estão cientes do fato de que estão adquirindo o idioma, mas apenas sabem que estão usando o idioma para a comunicação. O resultado da aquisição do idioma, competência adquirida, também é subconsciente. Geralmente, não temos consciência das regras das línguas que adquirimos. Em vez disso, temos uma "sensação" de correção. As frases gramaticais "parecem" certas ou "parecem" certas, e os erros parecem errados, mesmo que não saibamos conscientemente qual regra foi violada." Tradução nossa.

**PALAVRAS-CHAVE**: Oralidade, Práticas significativas, BNCC, Ensino da Língua Inglesa, Multiletramento, Multiculturalismo.

## INTRODUÇÃO

A "Small Talk" como sequência didática não tem o objetivo de trabalhar conteúdos de forma isolada, mas sim um conjunto de atividades e propostas didáticas que vão proporcionar ao aluno o desenvolvimento de uma habilidade, ou seja, o saber fazer. Não basta que o aluno saiba nome de cores ou verbo "to be". O objetivo é que o aluno seja capaz de utilizar os conhecimentos adquiridos em Língua Inglesa através do eixo da Oralidade, permeado pelos eixos da produção escrita e da leitura.

E que essas atividades possam despertar no aluno seu papel como falante da Língua Inglesa. A conscientização das trocas e acesso aos bens culturais que são produzidos nessa Língua e por fim, observamos que o aprendizado da Língua vai muito além de poder viajar para o exterior – função atribuída por muitas pessoas à finalidade do ensino de Inglês – mas que essa importância se manifesta até mesmo no nosso país através das novas tecnologias as quais estamos cercados e nos possibilita socialização global. Com isso, ampliamos as oportunidades do aluno ser um cidadão crítico engajado não apenas no seu meio, como no mundo em que está inserido.

Foi necessário pensar em um trecho de filme interessante e ao mesmo tempo fosse de encontro aos objetivos curriculares para esse ano que são, de acordo com BNCC, utilizar o presente do indicativo para identificar pessoas, construir repertório relativo às expressões usadas para o convívio social e o uso da língua inglesa em sala de aula e formular hipóteses sobre a finalidade de um texto em língua inglesa, com base em sua estrutura, organização textual e pistas gráficas. É importante salientar que essa sequência didática é completamente flexível, pois os mesmos materiais podem ser

úteis para atingir outros objetivos curriculares de outros anos e ciclos de aprendizagem. Cada "Small Talk" tem a duração aproximada de quatro semanas ou oito aulas de quarenta e cinco minutos cada. É composta das etapas: Oralidade, Expressões, Palavras, Verbos e Frases. Após o momento da oralidade é explicado para os alunos cada uma dessas aulas e seus objetivos. É importante para a proposta que o aluno entenda o próprio processo de ensino aprendizagem.

OBJETIVOS GERAIS: O propósito principal do trabalho foi valorizar a prática oralidade em Língua Inglesa e a partir da internalização de expressões, frases e palavras em Inglês.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Utilizar o presente do indicativo para identificar pessoas. Construir repertório relativo às expressões usadas para o convívio social e o uso da língua inglesa em sala de aula e formular hipóteses sobre a finalidade de um texto em língua inglesa, com base em sua estrutura, organização textual e pistas gráficas.

JUSTIFICATIVA: Quando pensamos no ensino de Inglês, precisamos considerar para que se fale outra língua é necessário além de ouvir; entender o que é dito, o porquê é dito e refletir em quais as situações de comunicação os alunos poderiam usar expressões similares e também reconhecer que outros aspectos comunicativos como gestos, expressões faciais, movimentos, olhares e entonações são complementos para que a comunicação seja efetivamente realizada. O trabalho vai de encontro com as competências específicas do ensino de Língua Inglesa proposto pela BNCC que considera não apenas a produção oral no Eixo da Oralidade, como também a compreensão (escuta).

"Para o trabalho pedagógico, cabe ressaltar que diferentes recursos midiáticos verbo-visuais (cinema, internet, televisão, entre outros) constituem insumos autênticos e significativos, imprescindíveis para a instauração de práticas de uso/interação oral em sala de aula e de exploração de campos em que tais práticas possam ser trabalhadas. Nessas práticas, que articulam aspectos diversos das linguagens para além do verbal (tais como o visual, o sonoro, o gestual e o tátil), os estudantes terão oportunidades de vivência e reflexão sobre os usos orais/ oralizados da língua inglesa" (BNCC, 243)

METODOLOGIA: Depois de identificada a necessidade que pudesse promover um aprendizado significativo da língua, foi preciso levantar questionamentos com os alunos para que eles refletissem qual era o papel do Inglês em suas vidas. Esse primeiro momento de caráter diagnóstico e reflexivo ocorreu através de uma conversa no começo das atividades. Começamos um bate papo e foi pedido que os alunos falassem todas as palavras que eles conheciam em Inglês. No começo, ficaram receosos e foi possível evidenciar a primeira hipótese com a turma: o medo de falar. Seja pela falta de oportunidades, seja pelo medo da reação dos colegas ou pela simples insegurança. Esse foi um momento pertinente para dividir com os alunos, as inseguranças e receios pessoais e estabelecer laços de empatia e afetividade. Também foi possível refletir em como o erro poderia ser importante para o aprendizado. Lembramos de quando éramos criança e se naquele tempo as palavras eram faladas corretamente. Também foi questionado o eles fizeram primeiro ao aprenderam a Língua Materna: escreveram, ou falaram? Eles relataram as primeiras palavras e situações em Português, e nesse momento foi necessário uma intervenção que os fizessem refletir que para falar, eles ouviam pessoas falando e repetiam aquilo que ouviam em situações similares. Aos pou-

cos os alunos foram percebendo esses pontos e então começaram a pronunciar algumas palavras aleatórias em Inglês que faziam parte da sua realidade. “Hot dog”,”car”, “fire”, “numbers”, “colors”, “love”, “teacher”, “dog”, “cat”, “apple”, “Facebook”. Essas foram algumas das palavras levantadas por eles. Alguns diziam frases inteiras aprendidas em anos anteriores: “What’s your name” ou “My name is”. Também trouxeram palavras que faziam parte da rotina deles como alunos: “present” ou “good afternoon”. Considerando o ciclo interdisciplinar no qual os alunos faziam parte, conversamos sobre como a Língua é ampla, foi relatado algumas curiosidades em viagens para países que falavam sua própria Língua, e ainda assim, falavam Inglês e qual foi a importância disso para o turista. Também refletimos sobre nosso sotaque ao falar a Língua Inglesa. O sotaque foi um momento divertido na sala de aula. Percebemos as nossas próprias particularidades em falar, como exemplo, pronunciar o som da consoante muda no final da palavra: hot - ‘hoti’. Um aluno questionou se apenas nós (brasileiros) tínhamos sotaques ao falar Inglês. Foi nesse momento que foi possível estabelecer um diálogo sobre o Inglês como Língua Franca, a questão do pertencimento para que os alunos não concluíssem se tratar de algo fora da sua realidade e consequentemente sem finalidade para sua vida.

Os alunos, já mais confortáveis, começaram a trazer relatos de momentos em que tiverem contato com a língua, relataram experiências em games, músicas e vídeos no “You Tube”. Também se sentiram seguros para compartilhar suas projeções para o futuro, países que visitariam e as profissões que gostariam de ter. Esse foi o momento mais importante da sequência didática. Foi essa conversa que despertou no aluno interesse no aprendizado de uma nova língua e aumentou os laços afetivos na relação professor-aluno.

“Mais ainda, o tratamento do inglês como língua franca o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, consequentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais. Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo.” (BNCC, 242)

Depois dessa primeira aula, o próximo passo foi apresentar o filme para iniciar a sequência didática. Para descrever esse trabalho, será utilizado o trecho do filme “Harry Potter and the Sorcerer’s Stone”, 2001 (Harry Potter e a Pedra filosofal). Antes de estudar as expressões e depois de repetir o vídeo algumas vezes para colaborar com o entendimento, foi pedido para que os alunos indicassem quais tinham sido as palavras ouvidas por eles na cena. Abaixo a transcrição do diálogo estudado que foi utilizado em sala:

“Rony: Excuse-me. Do you mind? Everwhere “Rony: Com licença. Você se importa? Todos else is full. os outros lugares estão cheios.

Harry: Not at all! Harry: De modo nenhum!

Rony: I’m Ron, by the way, Ron Weasley.

Harry: I’m Harry, Harry Potter.

Rony: So, so It’s true. I mean... Do you really have the...

Harry: The what?

Rony: Scar...

Wicked!”

Rony: Eu sou Ron, a propósito, Ron Weasley Harry: Eu sou Harry, Harry Potter.

Rony: Então... Então é verdade? Quer dizer...

Você realmente tem... Harry: O quê?

Rony: Cicatriz...

Irado!"

A aula da oralidade iniciou-se então com a apresentação de cada aluno, foi explicado para eles que além do "My name is"- "Meu nome é", expressão levantada na aula diagnóstica, existiam também formas mais simples de se apresentar, como por exemplo: "I'm" - "Eu sou".

Todos se apresentaram usando a Expressão "I'm" junto com o nome.

Na segunda etapa da aula de Oralidade, o foco eram os diálogos expressos no trecho. O vídeo foi apresentado mais uma vez para que os alunos prestassem atenção no que era dito pelos personagens e de que forma expressavam: gestos e expressões faciais. Foram levantadas várias hipóteses de diálogos, porém os recursos audiovisuais ajudaram para que os alunos tivessem hipóteses muito próximas do diálogo e a tradução é feita com a ajuda deles. Os alunos participaram ativamente de todas as etapas da sequência didática, e isso tornou o trabalho muito significativo ao final da aula. Utilizando expressões e entonação de acordo com a dos personagens, a tradução foi realizada oralmente com as suposições levantadas pelos estudantes. Também foi pertinente esclarecer que existiam muitas expressões na Língua Inglesa que possuíam um sentido completo, não podendo ser traduzidas palavra por palavra, para que os alunos entendessem, foram utilizados exemplos de frases em Português em contraste com Inglês. Nessa aula foi levantada pelos alunos uma expressão: "Movin'on". Levantamos algumas hipóteses e chegamos à possibilidade de associar à expressão brasileira "segue o baile". Esses momentos foram muito produtivos, pois o aluno trouxe conhecimento que partiu do seu próprio interesse, e com certeza, serão mais significativos no processo de aprendizagem. Depois começamos a reprodução de cada uma das falas. Esse momento vai acontecer em todas as aulas da "Small Talk". As metodologias são bem variáveis: dividia-se a sala em personagens, o professor reproduzia a fala de um dos personagens com outro aluno, ou selecionavam-se dois alunos para representarem a cena. Nesses momentos, os alunos eram orientados sobre a naturalidade em falar as expressões e reproduzir o diálogo, utilizando-se de gestos e usando uma entonação de acordo com a expressão dita. Foram muitas possibilidades. Os alunos podiam inferir novos sentidos, e a cada aula tornavam-se mais confiantes em relação à oralidade da Língua Inglesa. Alguns gostavam de anotar as expressões no caderno e depois relatavam que treinavam em casa com os familiares e colegas. Expressões como: "Excuse-me" e "Do you mind?" passaram a ser usadas para entrar nas aulas, inclusive de outros professores da escola.

"O eixo Oralidade envolve as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa, com foco na compreensão (ou escuta) e na produção oral (ou fala), articuladas pela negociação na construção de significados partilhados pelos interlocutores e/ou participantes envolvidos, com ou sem contato face a face. Assim, as práticas de linguagem oral presenciais, com contato face a face – tais como debates, entrevistas, conversas/diálogos, entre outras –, constituem gêneros orais nas quais as características dos textos, dos falantes envolvidos e seus "modos particulares de falar a língua", que, por vezes, marcam suas identidades, devem ser considerados. Itens lexicais e estruturas linguísticas utilizados, pronúncia, entonação e ritmo empregados, por exemplo, acrescidos de estratégias de compreensão

(compreensão global, específica e detalhada), de acomodação (resolução de conflitos) e de negociação (solicitação de esclarecimentos e confirmações, uso de paráfrases e exemplificação) constituem aspectos relevantes na configuração e na exploração dessas práticas." (BNCC, 243)

A aula de Expressões tem o objetivo de fazer com que o aluno reflita as situações de uso daquilo que foi aprendido. Então deixamos de ter como foco a cena, e passamos a aplicar as expressões estudadas em outros contextos comunicativos. Nessa aula, foi pedido que os alunos relembrassem as expressões estudadas: A essa altura a maioria já as internalizou plenamente, mas é necessário considerar que nem todos os alunos aprendem no mesmo tempo, então a repetição foi necessária. Primeiro, era questionado em quais situações poderíamos usar "Wicked!" ou "Not at all", por exemplo. Os alunos davam as suposições em Português e utilizavam-se das expressões em Inglês. No final, reproduzimos uma pequena apresentação em grupos com simulações de situações em que as expressões poderiam ser usadas. Essa metodologia corresponde ao conceito de multiletramento prevista na BNCC,

"A segunda implicação diz respeito à ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico. Concebendo a língua como construção social, o sujeito "interpreta", "reinventa" os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores." (BNCC, 242).

O multiletramento previsto no BNCC se manifesta, pois ao usar os vídeos, os alunos não estão apenas deparados com uma simples animação; em primeira instância estabelecem uma situação de proximidade com o filme que muitas vezes, já conhecem ou já assistiram. Além disso, as questões sociais e culturais envolvidas na cena que vão muito além da reprodução de frases e expressões em Inglês. Envolve a visão crítica do aluno em relação ao que está sido exposto. A aula de expressão e oralidade é muito democrática, pois reconhece os diferentes níveis de aprendizado, envolve os alunos com deficiência, que por sua vez, participam efetivamente da aula. Nessas aulas, temas transversais foram trabalhados de uma forma que ajudasse no andamento da sequência, também era reforçado sobre o respeito a diferenças que existiam entre os estudantes, o cooperação e solidariedade com os colegas com mais dificuldades e era comum observar satisfação nos rosto da sala quando um dos alunos completava com êxito um diálogo.

A aula de "palavras" tem como objetivo ampliar o vocabulário dos alunos na Língua Inglesa. A partir do trecho assistido nessa sequência didática, foi pedido que os alunos fizessem uma lista de palavras que estão presentes na cena. Trem, nuvem, árvores, óculos, varinha, janela (...). Esse foi o léxico comum de palavras levantadas pelos alunos. Após isso, em duplas ou trios, foi solicitado que com auxilio do dicionário, os estudantes buscassem as palavras listadas. Foi necessário reforçar ao aluno o uso adequado do dicionário, e quais seriam as diferenças entre o dicionário de Língua Portuguesa - com definições - e o de Português/Inglês que possui a palavra escrita em outro idioma. Foram disponibilizados também alguns notebooks pela sala e até mesmo o uso de celulares para que eles pudessem realizar a buscar das palavras que não estavam no dicionário. Os pequenos grupos ajudam a equilibrar os diferentes níveis de aprendizados que temos em uma sala heterogênea e garantiu que todos pudessem participar efetivamente da aula. Ao final das atividades, é feita uma lista cooperativa com as palavras mais inusitadas

encontradas pelos próprios alunos. Fizemos a pronúncia correta de cada uma delas.

Na aula de "verbos", após reproduzir o vídeo e relembrar oralmente as palavras aprendidas na aula anterior, foi explicado para os alunos que diferentemente da letra 's' (substantivo) na frente das palavras, estaria a letra "v' (verbo), no dicionário. Também fizemos uma recapitulação básica do que são verbos, foi explicado aos alunos que deveriam colocar cada verbo para uma palavra de maneira que fizessem sentido. Foi exemplificado oralmente e também foi mostrado imagens de como deveria ser montado o esquema de palavras e verbos no caderno:

ÓCULOS (GLASSES) > USAR (WEAR)

Na aula de verbos surgiram as dúvidas mais interessantes a respeito do uso da língua como exemplo, o verbo "usar" que existe duas formas distintas de uso: "wear" e "use". A mediação era feita nesses momentos, esclarecendo quais eram os verbos corretos para cada situação. Foi uma aula que apresentou algumas dificuldades por parte dos alunos, pois envolvia conhecimentos prévios: os verbos. Foi um momento pertinente para um trabalho em conjunto com a professora de Português, trabalhamos paralelamente o mesmo conteúdo, mas ainda assim, os alunos apresentavam muitas dúvidas. Para isso, foram necessárias mais aulas para essa finalidade e criado o "staff" da sala: alunos que tinham mais facilidade trabalhavam como multiplicadores e isso colaborou muito no andamento dessa atividade.

A aula de frases vai contemplar um dos objetivos curriculares previstos na BNCC: utilizar o presente do indicativo e utilizar expressões para o convívio social. Embora, outras competências não citadas, previstas para o 6º ano, permeiam vários pontos dessa sequência didática. Nessa aula o aluno vai estabelecer a habilidade do fazer, ou seja, por em prática todos os conhecimentos construídos nas aulas anteriores. A proposta foi montar frases em Inglês no presente. Não foi necessário usar termos gramaticais como: "Simple Present". Para exemplificar foi apresentada uma frase construída a partir do esquema montado por eles na aula anterior e os próprios alunos levantaram hipóteses de qual seria a tradução. Como exemplo:

I WEAR GLASSES

As hipóteses foram várias: "Eu usei óculos", "Eu usava óculos", "Eu uso óculos". Ao acertarem as traduções, seguíamos para a próxima frase. No final, eles mesmos identificaram qual era o tempo verbal, neste caso, eles formularam hipóteses sobre a estrutura de uma frase em Inglês. Ao perceberem que se tratava do presente, foram atentados para que observassem o verbo, que era o mesmo da sua forma infinitiva.

Estabelecemos algumas comparações entre a Língua Portuguesa. Relembramos a aula anterior de verbos, em que no dicionário apareciam com a presença do "to". Os alunos refletiram sobre as frases expostas e se seria ou não necessário o uso do "to" nas frases apresentadas. Usamos nesse primeiro momento o "I" - "Eu" para que eles pudessem replicar o exemplo, utilizando os seus esquemas de palavras e verbos produzidos nas aulas anteriores. Foi necessário formar pequenos grupos com a intervenção do "Staff" da sala no auxílio aos alunos com mais dificuldade. No final da aula, cada aluno reproduziu a sua frase para a turma e finalizamos com a oralidade do diálogo presente no filme.

"As práticas de produção de textos propostas no eixo Escrita consideram dois aspectos do ato de escrever. Por um lado, enfatizam sua natureza processual e colaborativa. Esse processo envolve movimentos ora coletivos, ora individuais, de planejamento-produção-

-revisão, nos quais são tomadas e avaliadas as decisões sobre as maneiras de comunicar o que se deseja, tendo em mente aspectos como o objetivo do texto, o suporte que lhe permitirá circulação social e seus possíveis leitores. Por outro lado, o ato de escrever é também concebido como prática social e reitera a finalidade da escrita condizente com essa prática, oportunizando aos alunos agir com protagonismo." (BNCC, 244)

RESULTADO: Essa sequência didática permitiu uma avaliação contínua do trabalho, da aplicação das atividades e da evolução dos alunos em relação a construção das habilidades necessárias previstas no BNCC. No primeiro momento, existia um número reduzido de alunos interessados no ensino de uma nova língua que até então era descontextualizada e sistêmica.

Após os relatos que os próprios alunos faziam a respeito da relação deles com a aula, surgiram pressupostos para que pudéssemos concluir a primeira instância, se o princípio fundamental desse trabalho havia se concretizado: tornar o ensino do Inglês significativo e contextualizado. A oralidade permite essa amplitude necessária para ensino de uma nova língua. Informações e relatos por parte dos estudantes forneciam indicadores de quão eficiente o propósito da aula estava sendo. Eram – e ainda é – diversos os relatos e situações. Alunos usavam expressões em situações reais de comunicação, momentos de trocas nos espaços escolares que ultrapassam as paredes da sala de aula e envolve a família e a comunidade, a percepção do próprio aluno em identificar ou estabelecer relação de sentido dos conteúdos estudados em Língua Inglesa e em outras matérias.

"Quando os alunos voltam para a sala, me chamam para ver que eles conseguem reproduzir as falas aprendidas na aula. Também é comum ver alunos fazendo isso entre si". Professora E. 3º ano B

Um exemplo dessa intertextualidade foi a Small Talk "Sing". Aconteceu em 2018 com as mesmas turmas da sequência relatada neste artigo. Foi utilizado um trecho do filme, uma animação infantil que conta a história de um coala que deseja realizar um espetáculo de música reconhecido e para isso elabora uma audição para selecionar os melhores cantores da cidade. A animação usa animais com estereótipos que são facilmente relacionados às diferentes pessoas que convivem em nossa sociedade. Além de seguir a sequência didática, foi possível realizar um trabalho de intertextualidade com o professor de Língua Portuguesa da turma, que por sua vez, utilizou o mesmo filme para propor algumas discussões sobre temas transversais. Com isso, conclui que o trabalho vai muito além daquilo que é programado e planejado, mas permite a todo o momento essa construção de sentidos para o conhecimento de uma forma empírica e criativa.

Além do relato dos próprios alunos, a maneira como as aulas foram organizadas e o olhar para algumas particularidades e até mesmo, o multiletramento se deu pela troca com outros professores de áreas diferentes. A educação integral do indivíduo na nossa unidade escolar é muito significativa. Todos os alunos participam dos trabalhos e projetos e fazemos um trabalho de conscientização sobre respeito às diferenças e solidariedade de modo muito eficiente. Nas aulas de Inglês não foi diferente. A aluna A*, do 3º ano B que possui autismo, apresenta uma participação ativa e atenta em todas as etapas da aula Small Talk, principalmente na oralidade. Nestes momentos ela sempre apresenta uma expressão de contentamento e espontaneidade. O aluno E*, que apresenta Síndrome de Down também participa ativamente da oralidade, e sempre quando chega na sala diz "Hello". Ou seja, ainda que em formas e tempos diferentes, todos os alunos

têm estabelecido significados e sentidos aos conteúdos aprendidos. E foram esses levantamentos que permitiram continuar utilizando a mesma metodologia, porém adaptando a cada uma das intervenções positivas ou negativas que se estabeleceram. O ensino tem sido tão significativo para os alunos que envolvem direta e indiretamente toda a escola.

"Os alunos estão tão motivados, que fazem algumas atividades antes da aula (de Inglês) e me mostram. Outros até providenciaram o dicionário de Inglês pessoal para participar da aula" Professora T. 5º A

Também houve a oportunidade de observar e refletir sobre os diferentes níveis de aprendizagem na Língua Inglesa. Nem todos os alunos vão apropriar-se dos conteúdos da mesma forma. É preciso essa reflexão para que fosse possibilitado um novo olhar em relação ao processo de autoavaliação desse trabalho. Isso vai de encontro com a teoria de KRASHER, 1987, que afirma existir uma "ordem natural" e o processo de internalização das organizações de uma língua são aprendidas previsivelmente. Ainda assim, o tempo para o processo de aprendizagem de um determinado objeto de estudo vai variar de indivíduo para indivíduo.

"One of the most exciting discoveries in language acquisition research in recent years has been the finding that the acquisition of grammatical structures proceeds in a predictable order. Acquirers of a given language tend to acquire certain grammatical structures early, and others later. The agreement among individual acquirers is not always 100%, but there are clear, statistically significant, similarities." (KRASHER, 1987, p. 12,). [2]

Notas de rodapé : [2] "Uma das descobertas mais empolgantes da pesquisa de aquisição de idiomas nos últimos anos foi a constatação de que a aquisição de estruturas gramaticais ocorre em uma ordem previsível. Os adquirentes de um determinado idioma tendem a adquirir certas estruturas gramaticais precocemente e outras mais tarde. O acordo entre adquirentes individuais nem sempre é 100%, mas existem semelhanças claras e estatisticamente significativas."

Os coordenadores pedagógicos e toda a equipe escolar forneceram todos os subsídios necessários para que as aulas pudessem ser realizadas. A presença deles nas aulas durante o ano de 2018, algumas orientações pessoais - afinal o coordenador era também professor de Língua Inglesa - e a troca de experiência, contribuíram muito para a concretização do trabalho. É possível também utilizar uma mesma "Small Talk" adaptando para turmas que tenha competências e habilidades diferentes, mudar o direcionamento e adaptar a metodologia às necessidades educacionais específicas de cada turma e ano. É importante salientar que o trabalho dessas sequências didáticas nem sempre atinge os mesmos objetivos, variando de turma para turma. As características particulares de cada sala permitiram que fosse possível inferir novas situações de aprendizado e utilizar diferentes metodologias.

Foi muito significativo replicar a finalidade, metodologia e didática usada nas aulas em momentos de estudo com os colegas de trabalho. Também é comum, na unidade escolar em questão, trocar experiências sobre nossas práticas. Somos ouvintes em algumas aulas e isso contribui muito para que o trabalho com a Língua Inglesa seja reflexivo e estejamos em constante avaliação de nossas metodologias, além de proporcionar subsídios criativos para intervenções em problemas. Essa valorização foi construída a partir do trabalho conjunto com toda a comunidade escolar. E o reflexo desse trabalho foi atingir o objetivo principal de transformar as aulas de Inglês desinteressantes em momentos agradáveis e muito esperados pelos alunos.

"Na avaliação da unidade escolar, os alunos disseram que aprenderam muito com Small Talk. Todas as salas (6º anos) só falavam isso: Small Talk!" Coordenador pedagógico S*

As Tecnologias da Informação e Comu-

nicação foram um dos fatores principais desse trabalho. Foi criado um grupo em um aplicativo para comunicação simultânea, o "Whatsapp", e por lá compartilhava os vídeos e materiais audiovisuais utilizados durante a"Small Talk". Nele, os alunos também mandavam áudios com dúvidas sobre pronúncias, ou a reprodução dos diálogos aprendidos em sala de aula. Não bastava trazer um vídeo, ou uma música. O trabalho com as TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) precisava propiciar ao aluno possibilidade de estabelecer relações e com elas e ressignificar o aprendizado e o conhecimento de língua Inglesa. O uso dos recursos audiovisuais, notebook, sites de pesquisa entre outros não permitiram aos alunos apenas repetir as frases dos trechos selecionados de uma maneira automática e descontextualizada, mas sim, internalizá-las de modo que fizesse sentido em outras situações de comunicação.

Finalmente foi possível concluir que trabalhar o Eixo da Oralidade com praticas de ouvir, entender e falar é primordial para a "aquisição" da Língua Inglesa. Esses conhecimentos, sem dúvidas, devem servir como base para ensino de outros conteúdos como a gramática. Através deles, os alunos puderam estabelece sentido ao que aprendiam. Não existe finalidade para um aluno que aprende o verbo "to be" de forma sistemática e descontextualizada. Além da contextualização, eles criaram situações reais de uso com base naquilo que foi aprendido. Uma forma de garantir esse aprendizado foi solicitando que em casa, eles fossem multiplicadores daquilo que foi estudado em sala de aula. Para que o ensino seja significativo, chegou-se a conclusão que é preciso fazer sentido para os alunos em outros os espaços de convívio social além da escola.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir que os alunos puderam desenvolver as competências aprendidas em cada momento da aula de uma forma que agora, são capazes de fazer. Isso foi possível através do uso em conjunto do Inglês e das TIC's para uma finalidade específica: analisar um diálogo em Inglês. É interessante ressaltar que a cada dia surgem novos desafios que colaboram para novas práticas e metodologias inovadoras.

Essas experiências podem ser replicadas por professores, considerando para isso os propósitos e currículo de cada ano de aprendizagem. Uma vez que essa metodologia é muito flexível, cabe ao professor estabelecer qual a importância de cada etapa para a sua turma. Considerar para a escolha dos filmes a idade e o perfil dos alunos, levantarem juntamente com os alunos quais conteúdos poderia atrair mais a atenção dos mesmos. Também é necessário um diálogo com a equipe escolar sobre seus objetivos educacionais, as metas também precisam ser bem estabelecidas previamente para que garanta o compromisso e confiança do grupo em relação ao trabalho desenvolvido. Além disso, refletir juntamente com o aluno sobre a importância do Inglês estabelecendo o vínculo afetivo e ressignificar através de experiência pessoais seja do professor ou do próprio educando, a motivação para despertar o interesse em conhecer uma nova língua. O momento de diálogo com os alunos antes das atividades é primordial, deixando-os cientes do papel que eles devem desenvolver durante todo o processo e a finalidade desse trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRASHEN, S. Principles and Practice in Second Language Acquisition. Prentice-Hall International, 1987

KRASHEN, S. Second Language Acquisition and Second Language Learning. Prentice-Hall International, 1988.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: